



MEMÓRIA, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS COM O FEMINISMO NEGRO.

RAQUEL VIRGINIA LOPES¹;
ISABEL MARIA LOPES²;

1. INTRODUÇÃO

Assim as fontes jorram para o olhar de quem as procura. Esse olhar faz o relato que é a história (Perrot, 2008, p.36).

A história pode ser definida como um recorte feito no presente inspirado nos vestígios do passado. As fontes não estão dadas, elas podem ser silenciosas a ponto de passarem despercebidas por olhares ingênuos.

Tudo que historiadores escrevem, precisa ser provado. As narrativas requerem fontes, as fontes são os sinais do passado. Assim nos tornamos historiadores na medida que aprendemos a perceber, ler, interpretar fontes e escrever história.

Para Robert Darnton (2010), é função séria a escrita da história que nos leva a conhecer o passado. Um país deve conhecer suas origens. Percebe-se que a escrita da história é um grande exercício intelectual que envolve responsabilidade e compromisso, não sendo um ofício fácil.

A parte mais apaixonante do trabalho de historiador consiste em levar coisas silenciosas a se tornarem expressivas, além disso, questões históricas nunca estarão encerradas a história terá que ser continuamente reescrita (Prost, 2020). A pesquisa histórica consiste em formular uma questão para desencadear a busca de fatos que possam contribuir para fornecer-lhe uma resposta. Resulta que todas as histórias são ao mesmo tempo uma história da história, eis porque em cada época é escrita em novas perspectivas.

A historiografia é um campo de estudo ao qual nenhum historiador pode se furtar, é a reflexão sobre a produção e a escrita da história, nesse sentido a historiografia é uma forma de se estudar a história das ideias, a utilidade da disciplina é demonstrar pela observação dos historiadores passados, que todo historiador sofre pressões ideológicas, políticas e institucionais, comete erros e tem preconceitos, a historiografia seria assim a melhor vacina contra a ingenuidade (Silva, K; Silva, M, 2009, p.189).

Como afirmam Silva, K; Silva, M (2009), o conceito de cultura é um dos principais nas ciências humanas. Ao que tudo indica, cultura seria tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial. Não apenas artefatos e objetos, mas também, ideias e crenças. Todo complexo de conhecimentos, e toda habilidade humana empregada

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Email: rqlcorte@gmail.com

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Email: alopesisabelmaria@gmail.com





socialmente, além de ser o comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

Diferenças genéticas não determinam comportamentos culturais. Dito de outra forma, a divisão de trabalho com base no sexo ou raça, por exemplo, é cultural e não predeterminada pela natureza. Neste sentido, o meio geográfico também não determina comportamentos culturais.

Diante disso, quaisquer tipos de discriminações feitas com base em sexo ou raça. A exemplo, duas generalizações comuns: [1] o discurso comum proferido em nossa sociedade de que determinadas ações não podem ser exercidas por mulheres; [2] o discurso de que há atividades consideradas inferiores, por isso, são exclusivamente trabalho de pessoas negras. Estes exemplos de discursos criados para justificar e legitimar a dominação.

Gonzalez (2020) salienta que os grupos racialmente subordinados internalizam o processo de colonização. Salienta, ainda, que além da exploração econômica, sobretudo, a dominação psicológica, cultural e ideológica.

No Brasil, a mulher negra tanto na sua luta diária durante, quanto após a escravização foi contemplada como força de trabalho, na maioria das vezes não qualificada. O estigma da escravização reproduz-se na mulher negra um destino histórico (Nascimento, 2021, p.233).

Dias (2020) mostra que nas décadas que nos separam da virada do século XIX para o XX, mulheres de boa parte do mundo e em particular do Brasil, alcançaram dimensões inimagináveis. Elevaram seu grau de instrução e conquistaram diplomas, chegando a ultrapassar os homens nesses quesitos. Entretanto, mulheres de grupos sociais distintos viveram de maneiras diferentes e ritmos variados.

No entendimento de Nepomuceno (2020) a ascensão social pela educação foi sempre uma boa aposta. Entretanto, desde muito cedo a população negra, sobretudo, a mulher negra teve maior dificuldade em integrar o quadro educacional. Paradoxalmente, a educação foi sempre vista pela população negra como um caminho eficaz para a conquista de lugares menos subalternizados na sociedade.

A que se deve considerar, a educação e ações antirracistas como luta de todas as pessoas. Neste sentido, a temática carece de aprofundamento, devido a sua riqueza e complexidade. Nas construções de conhecimentos históricos que valorizam e dialogam com a memória e história da população negra no Brasil.





Nesse contexto, o presente estudo propõe uma reflexão sobre a interface entre educação e feminismo negro. Elencou-se como objetivo geral analisar como o feminismo negro pode contribuir para uma educação antirracista.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é bibliográfica. Os dados serão coletadas em bibliografias relacionadas com a temática feminismo negro e educação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O movimento negro tem sido um dos agentes que mais têm provocado deslocamentos no campo da educação. Entende-se como movimento negro o conjunto de entidades como grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos. Dentre o objetivos destas instituições encontra-se a superação do racismo e da discriminação racial, bem como de valorização e afirmação da história e das culturas negras no Brasil.

Frente ao exposto, os movimentos sociais são percebidos e analisados como atores políticos, que produzem e sistematizam saberes e que contam com as contribuições de diversos fatores. Dentre eles: a pesquisa, a arte, a educação, os líderes comunitários.

Gomes (2017), afirma que o Movimento Negro brasileiro é um ator político que conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil, quando reforçou o debate sobre racismo na cena pública. Afirma, ainda, que o referido movimento indagou as políticas públicas, cujo compromisso é com a superação das desigualdades raciais.

No contexto de organização do Movimento Negro brasileiro, o papel assumido pelas mulheres negras nas organizações carece de ser enfatizado. Entretanto, as histórias específicas das mulheres negras nem sempre ocuparam a atenção do movimento negro e do movimento feminista (Munanga; Gomes, 2017). Isso levou as mulheres negras a questionarem as ausências de discussões que relacionam gênero e questão racial. Estruturando-se um movimento de mulheres negras com diferentes tendências, concepções políticas e atuações em prol de uma maior igualdade de gênero, social, racial e educacional.

A publicação Lei 10.639/03, a qual alterou a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluindo no currículo oficial da Rede de





Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, foi um marco na educação da população negra brasileira. Dessa forma, a Lei supracitada atrela ao ensino básico questões do antirracismo. Sendo relevante não somente para valorização da cultura negra, mas também como forma de combate ao racismo.

Em esfera legal, a publicação da Lei representa a luta antirracista. Além disso, possibilitando discussões sobre questões relacionadas a gênero, raça e classe, visando romper com as bases estruturais do racismo e promover relações sociais mais equitativas, oportunizando abordagens acerca do feminismo, entendendo-o como um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos e oportunidades.

Akotirene (2020), enfatiza que o feminismo negro não deveria ser somente uma questão das mulheres negras, mas de todas as mulheres. Isso se deve às pautas serem interseccionais.

Diante disso, o conceito de interseccionalidade mostra-se como uma possibilidade de perceber na sociedade o sistema de opressão, que para ser interpretado deve-se levar em consideração questões raciais, de gênero e de classe. Estes se relacionam entre si e demonstram que racismo, sexismo e estruturas patriarcais são inseparáveis, tendendo a excluir indivíduos ou grupos de diferentes formas.

Para Le Goff; Nora (1995), o lugar social, onde se ocupa quando produz história. Toda pesquisa é articulada a partir de um lugar e produção socioeconômica, política e cultural. Desse modo, encontra-se, submetidas a opressões relacionadas aos privilégios, enraizadas em particularidades.

Neste sentido, é necessário entender que o lugar social que certos grupos ocupam pode restringir suas oportunidades. O pensamento interseccional não só caracteriza-se como ferramenta teórica, mas também de intervenção alinhada à educação para as relações étnico-raciais.

Logo, é pensar em projetos com novos marcos civilizatórios, fora isso é também divulgar a produção intelectual da mulher negra. Colocando-as na condição de sujeitas, que historicamente vem tecendo resistências e entendendo as linguagens como mecanismo de poder.

Entretanto, essa tessitura não é caminho fácil, na prática vai-se percebendo e construindo a identidade. Afinal, a questão é justamente a identidade ser construída, reconstruída e desconstruída num processo dialético (Gonzalez, 2020, p.312).

As narrativas orais produzidas por mulheres negras desempenham um papel fundamental na difusão de saberes historicamente marginalizados. Desse modo, as mulheres





encontraram na escrita uma forma de autobiografar-se, reescrever uma história e preservar uma memória individual e coletiva.

O feminismo negro assim como o movimento negro tem reivindicado tanto acesso a educação, quanto direito de se estarem representados nos conteúdos escolares- como sujeitos políticos e produtores de conhecimento.

Conforme Ribeiro (2019), um belo exemplo de feminista negra brasileira é Lélia Gonzalez, atuante nas décadas de 1970 e 1980, encantou plateias com o poder transformador de suas palavras, as propostas de Gonzalez para pensar a “amefricanidade”, propondo um feminismo afro latino americano, se perpetuam até hoje ao se propor uma luta transnacional

A educação sempre foi uma das minhas grandes bandeiras como feminista negra, pois se não souber ler e interpretar o mundo, dança! Essa ausência instrumental possibilita colocar em pé de igualdade as populações não negras, que têm um acesso extraordinário à informação. Vocês percebem isso nas pequenas coisas, como o exemplo dos videogames, muitas crianças negras nem sabem o que é, porque elas estão nas ruas, sem escolas vendendo balas. (Gonzalez, 2020, p.327).

O feminismo negro e o pensamento sobre a educação, de Gonzalez (2020), fortifica a identidade cultural e humaniza. Acarretando a quebra de ciclos discriminatórios advindos dos primórdios da sociedade brasileira. Ressaltando o feminismo negro no sentido da sabedoria africana, rompendo com visões individualistas.

Diante do exposto, as mulheres negras compreenderam e souberam usar com maestria os espaços de sobrevivência deixados por uma sociedade profundamente hierarquizada por raça, gênero e classe.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do processo histórico brasileiro, as mulheres negras forjaram formas elaboradas de lidar com a vida, com o corpo, e diversas formas de manifestações culturais. Floresceram mesmo diante de desafios anteriores e posteriores à Abolição, estabelecendo mecanismos de resistência contra formas e opressões e discriminações. O presente texto reforça que elas estiveram presentes tanto em movimentos de lutas, como nos espaços de intelectualidade. Destacando o protagonismo e empoderamento como formas de dissolução do racismo e consequentemente do sexismo.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade feminismos plurais**. São Paulo: Jandaíra, 2020.





DARNTON, ROBERT. **O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução.** SP: Cia das Letras, 2010.

DIAS, Maria Odila. Resistir e Sobreviver. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano: ensaios, intervenções e diálogos.** 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História novos problemas.** Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1995, p.18-20.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. 2.ed. São Paulo: Global, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras.** 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo Ignorado. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2020.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres:** 1.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PROST, Antonie. **Doze lições sobre a história.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ed. Belo Horizonte: Autentica, 2020. Cap.4, p.75-93.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Kalima; SILVA, Maciel. **Dicionários de conceitos históricos.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

